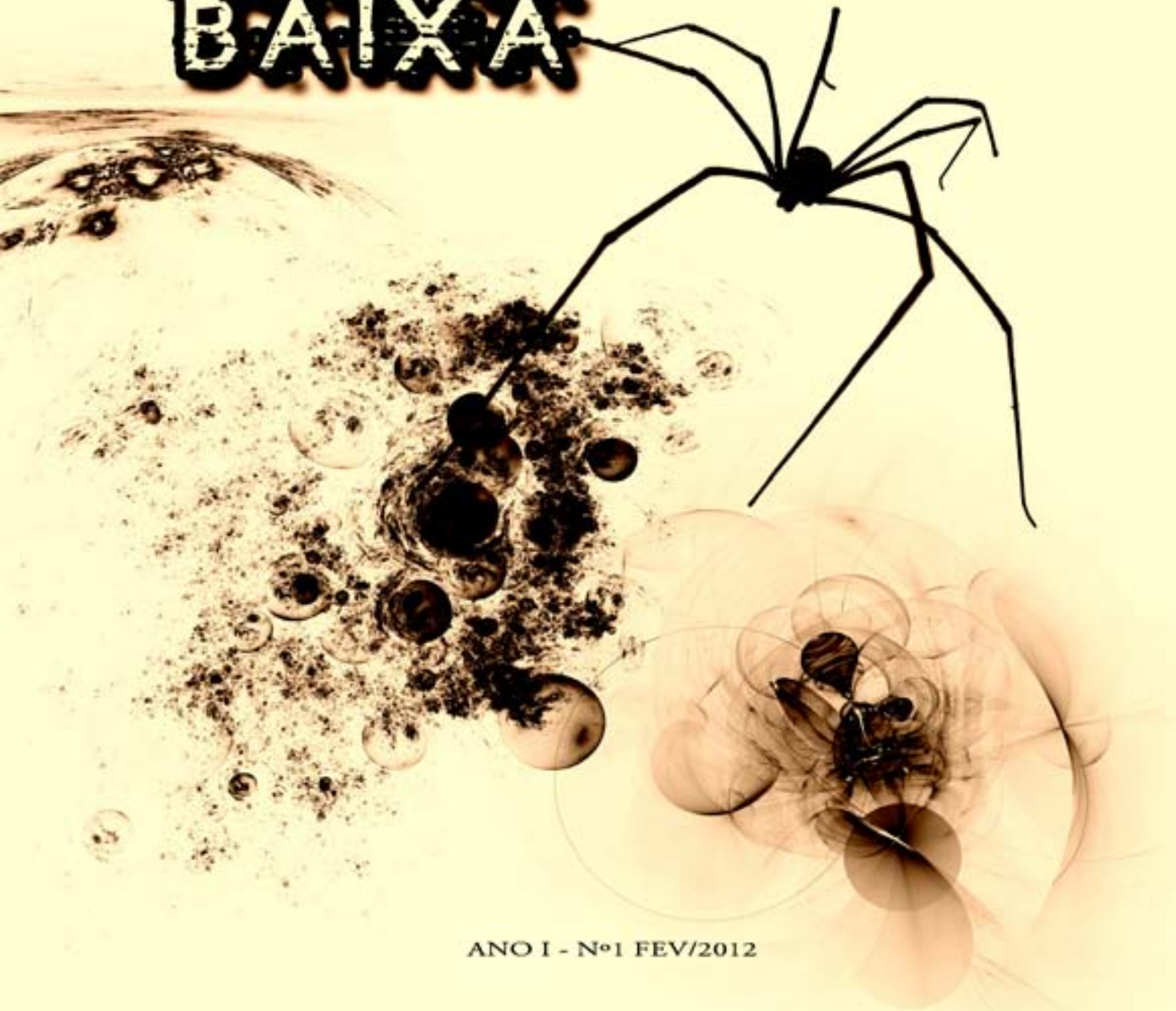


CB

CAIXA
BAIXA

numero 01



ANO I - Nº1 FEV/2012

CAIXA BAIXA



ANO I - NÚMERO I - FEVEREIRO 2012

Conselho Editorial

Bruno R. R. Santos

João Matias

Wander Shirukaya

Diagramação

Laudelino Menezes

Wander Shirukaya

Capa

Wander Shirukaya

Caixa aberta

Diante da proximidade de o Núcleo Literário Caixa Baixa completar 1 ano de existência, empreendemos uma atividade laboriosa de seleção dos melhores textos publicados por seus integrantes ao longo da existência do nosso blog, palco, bastidor e artífice de nossa produção literária. Quer se queira, quer não, o desafio de levar ao público literatura contemporânea é desafio que contempla a edição periódica de um blog com nossas melhores produções, a iniciativa de reuniões entre os viventes e sobreviventes de um grupo já referenciado pela imprensa paribana, os saraus abertos para públicos os mais diversos, declamadores e animadores provando que literatura também é feita no gogó, vídeos em que nossos poetas e escritores são lidos em situações montadas, porém, esperamos, que esteja no cotidiano de pelo menos 25% dos mais de 100 leitores que nos acompanham por dia.

Para uma primeira edição da Revista do CAIXA BAIXA, selecionamos textos de cada um dos nossos 15 autores e contemplamos, à medida que a leitura e as críticas foram favoráveis aos referidos (entre farpas, divagações e dissecações críticas de cada um dos escolhidos), os que sobreviveram. Dentre estes naufragos da exposição e crítica pública, artífices da ficção, poesia e prosa, os contos foram os que mais bem narraram situações cotidianas com requintes de poesia (vide “Falta uma cor no arco-íris”, “Ritos Finais” e “Desencarne”), os poemas com mais formas sensuais de narração da vida (vide “Troca”, “Gramaticalmente pornográficos” ou “Acaso caos”), as crônicas do mais tempo presente no presente dos tempos futuros (“Em branco” e “Quando o céu não diz nada”).

Se nos fosse pedido para escolher um ou dois para comentar, a injustiça seria tamanha que não valeria a metade desta revista que ora se apresenta. Coisa de doido selecionar tanta coisa boa. Ao fim e ao cabo, permanece a sensação de que, deste oceano sem fim no qual emergimos a criatividade, ousadia e exposição, resta a fixidez de uma revista para permanecer em tempo presente aquilo que sempre passa.

Os editores

Sumário

- 05 **O amanhã não se sabe**
Betomenezes
- 07 **Acaso Caos**
Bruno Gaudêncio
- 08 **Desencarne**
Bruno R. R. Santos
- 11 **Troca**
Cyelle Carmem
- 12 **Gramaticalmente Pornográficos**
Gustavo Limeira
- 13 **Salmo para Isabel**
Jairo César
- 14 **Ritos Finais**
João Matias
- 19 **Muso**
Joedson Adriano
- 20 **Em branco**
Laudelino Menezes
- 22 **Falha Trágica**
Letícia Palmeira
- 24 **Fantasia**
Mirtes Waleska
- 26 **Quando o céu não diz nada**
Romarta Ferreira
- 28 **Soneto em queda livre**
Thiago Lia Fook Meira Braga
- 29 **Falta uma cor no arco-íris**
Wander Shirukaya



betomenezes

Faz furo em pá. Diz ler o futuro nas nervuras das folhas secas. Não acredita em cata-ventos. Já sofreu de peito aberto, hoje, tem o corpo fechado.

<http://www.betomenezes.biz/>

o amanhã não se sabe

Aquele olho de tinta na parede me encara. Lacrimejo ao cair da noite, lágrimas turcas de sabor turquês. Garoa do compasso da espera, ladainha sambista com feitio de oração. Chega então, carregada em bandeja de alumínio, a filha mais nova de satã. Vem rodeada de macacos saltimbancos, tocadores de alfaias, caixas, maracás. Todos da santa rodeiam e imploram. Ela parece vir em minha direção. Largo o escudo da vergonha e a lança cética, corro para ela e também imploro, “dai-me de beber. Dai-me de beber que eu tenho sede sem fim. Quero beber da fonte que escorre dos teus lábios, dos teus cantos”. Quero me lambuzar da profundidade asquerosa de cor de barro e olhar vitalino. Solto as amarras de republicano e avanço. Com um bote de serpente, ataco o veneno. Poucos goles bastam.

Caio para o lado e espero. A filha mais louca de satã percorre meus sistemas, língua, faringe, esôfago. No estômago trava batalha com os ácidos e chega na rodovia rubra das artérias. Ultrapassa os carros engarrafados pelo acostamento, atropela crianças em faixas de pedestre e sobe em mão única e chega aqui. Inseto de Midas. Sinto uma febre de malária e um tombo de Golias. Ascendo. O mundo vira um abajur lilás.

Deito no chão e choro, minha senhora. Toma o meu corpo no teu colo e me espanca. Regurgita o teu alimento dentro de minha cabeça. Avança para a minha cabroeira, espanta as galinhas. Faz um canja, toma banho com sangue.

Levanta-me e trava comigo uma valsa orgânica. Cicatriza-me. Exorciza-me.

Revisitamos o kamasutra em embaraços borbulhantes, anarquia do voo da borboleta.

Um emaranhado de ondas concêntricas irremediam sua partida. No estardalhaço da sua saída, de minhas feridas arranca as cascas. A aura lilás fica cinza. O seu toque de ouro revela-se findo.

Reclinado sob o piso da descoberta, vejo ela indo em cavalgadas bestiais de volta à mata. Foi e deixa a lambança. Meus olhos escurecem e sinto o peso de colosso, com gravidade me apertando contra chão. Ela se foi e levou a maravilha da organicidade. Agora o que eu tenho é minério, a ponta mais delgada das pedras. Dos cristais que desabrocham e estufam o meu cérebro. Do acro desejo de largar de mim e me prender na calda de seus rastros. Mas a filha mais bela de satã é mulher liberal, dona da mata, não aperta cinto, não põe anel no dedo, não prepara feijão de um dia para o outro. Fugiu para mata com seus macacos e seus pandeiros, na profusão do cio da terra.

Sinto novamente em aberto o abandono que rubrica como em um prontuário a minha existência. Descendo. Volto para o meu corpo delimitado. Beijo o ar e o suor com seu sal que impede que eu apodreça. Uma merda xaroposa escarnece minha cueca, o vômito estampa meu cetim. Meus testículos pulsam com o abraço do colosso.

Há o socorro. De gatas, procuro o trem que me trucidou. Desmaio. Acordo com orações, roda de ciranda e diversa loteria. Os outros também vão acordando. Há o abraço de irmão. Só agora percebo que o cálice que serviu-me a filha mais espalhafatosa de satã ainda está comigo. Preso, corta a pele de minha mão sinistra. O sangue cinge o antebraço. Recebo mais abraços de fusão. “Bem-vindo, irmão”

O copo vazio é derradeira lembrança. A noite padece por horas para morrer.

O amanhã não sei.



bruno gaudencio

Bruno Gaudêncio é escritor, jornalista e historiador. Publicou O Ofício de Engordar as Sombras (Poesia, 2009) e Cântico Voraz do Precipício (Contos, 2011). Co-editor da Revista Blecaute.

<http://acasocaos.blogspot.com/>

acaso caos

não faz a cama,
mas abre as portas,
as pernas...

o acaso não liberta,
mas deixa a chama,
a chave,
na porta...
na pele.

acaso o caos
não é o cobertor?
a madeira que divide
os nossos corpos
na hora do sexo?



bruno r. r. santos

Foi guardado por uma vulva quente e expelido pelo reto da santa mãe. Incoerente e sem fundamento, escreveu para acalantar seus tormentos.

<http://quebrandoogenio.wordpress.com/>

desencarne

“**L**igue o som, Tom.” As pessoas do lado de fora diziam, todas excitadas com o momento. O show da vingança. A possibilidade. A destruição. Tom estava com um terno Armani, perfume Ferrari. Seu cabelo entupido de laquê e creme, seus lábios finos emitiam um breve sorriso. Seu olhar caído passeando pelo corpo inerte na cama. Um corpo nu, seios protuberantes, sexo depilado e na boca carnuda, um filete de sangue. Tom ligou o som. Um jazz, Miles Davis. O corpo se mexia, vagorosamente, enquanto Tom dobrava o terno da coisa que estava deitada.

“Belo perfume. Vou guardar o seu terno. Lembrança.”

As pessoas estavam fervilhando, algumas gritavam “mate-a logo!” Tom passeava pelo quarto, recordando dos bons tempos que passaram. Amigos de trabalho, irmãos de espírito. Ele sabia que era necessário eliminá-la. O aumento de mortes subiu de modo cruel. Mortalidade crescendo sem parar. Estranhas e chocantes. “Ele era tão saudável, o que houve?” As pessoas do lado de fora desejando a verdade. Clientes da vida, insatisfeitos com o dono do negócio. Morreram sem motivo aparente, o momento não havia chegado, e cá estão eles.

Miseráveis, perdidos no limbo da incoerência. Eles gritam em vão, o retorno á vida não é possível. Eles vagueiam pelos esgotos pútridos deste inferno. Um local onde nenhum ousaria pisar. Um mundo de úteros apodrecidos, órgãos fragilizados, destruição interna em canos mentais, vasos fétidos e cérebros com problemas de funcionalidade. É impossível descrever o limbo. Por mais que eu tente, as palavras nada dizem. Assim é o nosso espaço amorfo. Confusão. Desordem. Fluxos miméticos de informações autônomas e descentralizadas por pulsos sensoriais aleatórios do plano comum. As pessoas perdidas, inocentes e vítimas da loucura da morte. Da anarquia da morte.

Da coisa inerte na cama.

Tom prepara as coisas, ele ajoelha-se perante a brancura da criatura, lágrimas secas dançando em seu rosto.

“O que houve com você?”

Ela não responde; a língua preta passa pelo filete de sangue, um sorriso irônico. Olhos dilatados. Respiração ofegante. Cabelos longos e escuros em seu rosto hermético. “Olhe para essas criaturas,” Tom aponta para as pessoas gritando do lado de fora, “não é o momento delas. Porque você as enviou para cá?” A morte permaneceu em silêncio. As pessoas exigiam a sua destruição.

A morte abriu a boca, aquela voz rouca, destoante, disse que ela queria se divertir. Cansou dos humanos, decidiu mandar todos antes da hora para o limbo. Afirmou que todos deviam ser erradicados do mapa.



“Você ficou bonzinho com o tempo, Tom.” Ela conclui.

Tom sorriu, disse que concordava, mas que não era a hora deste público. A morte disse que ambos tinham o poder para isso. Para mudar tudo, desestruturar a ordem, afinal, não havia mais ordem.

As pessoas gritavam. Amaldiçoavam. Salivas escorrendo pelos dentes.

“Veja como são selvagens. Temos o poder.”

Nós somos a fonte. Os Deuses. Vamos apagar tudo.

Tom abaixa a cabeça, encosta a mão branca na cabeça da morte, ele diz: “Sinto muito.”

Dois homens de terno e chapéu adentraram no quarto, um deles com um porrete e o outro com uma faca, Tom vira as costas, enquanto um grito gutural é emitido. Agonia. Apreensão. Este grito ecoou por mundos e milênios, enquanto as pessoas festejavam a alegria de ver a queda daquela que os condenou de forma injusta. Tom sai do quarto em luto profundo. Ele pensou no poder que estava em suas mãos. Deus havia tombado. O seu filho crucificado não existia mais. As palavras da morte em sua cabeça: “Nós somos a fonte. Os Deuses. Vamos apagar tudo.” Ele continuou andando pelo longo corredor, pensando na queda das forças que movimentam o mundo, o cordão umbilical que foi rompido. Ele está livre, mais do que nunca. Tom sorriu ao pensar nas supostas possibilidades, enquanto isso, dois pequenos chifres na sombra da sua cabeça entupida de laquê e creme eram visíveis nas paredes acinzentadas do corredor infinito, rumo ao nada.



cyelle carmem

Moldura abstrata do feminino: é poeta, mulher, pagu.

<http://cyellec.blogspot.com/>

troca

Há de se perder tempo
para ganhar liberdade.
Olhos cristalizados
Saliva apurada pelo leite.

Há de ser ganhar alegria
para perder insônia.
Cantos de boca
mastigam os dias futuros
antecedem escondidas dores.

Dê-me algo para entregar-me
Meu preço não é caro
mas é raro.
Passe a recompensa de uma mão para outra:
uma rouba
a outra doa.



gustavo limeira

Gustavo Limeira (João Pessoa, 1993) mexe com literatura, teatro, música, dança circular, língua inglesa e, vez em quando, lava uma louça.

<http://versorragia.blogspot.com/>

gramaticalmente pornográficos

lamber-te a língua
tocar-te as vogais, doces ferozes
acariciar-te os sujeitos e os objetos
arranhar com minhas unhas tuas vírgulas e
num átimo de metaforismo
lenta e inevitavelmente
arrancar-te um pleonasma.

beijar-te os apostos ansiosos
e corrigir-te os erros pornográficos
doce e drummondmente
escrever no teu corpo com o Aurélio em riste
os versos que sexonhei pra nós.



jairo cez ar

Jairo César é professor de Inglês, comunista, autor de Escritos no Ônibus, marido de Michele e pai de Beatriz.

<http://escritosnoonibus.blogspot.com/>

salmo para isabel



a fumaça do cigarro
veste de branco
a bailarina em seu vôo
solitário....
meu teto como céu é
teu palco.



joao matias

João Matias de Oliveira Neto, de 86: {"errorCode": 403, "alguns livros": "RATE_LIMIT_EXCEEDED", "outros prêmios": null, "editor da Blecaute": "contemplário lírico"}.

<http://contemplario.wordpress.com/>

ritos finais

Sabe a condenada os tormentos do condenado. Lentamente molha os dedos na vasilha de água benta, esparge as gotas sobre ele, deixa escapar em cada gota a sujeira escondida sob as unhas de cada dedo. Puritana a enfermeira, cheia dos santos, pés de igreja, crucifixos, água sagrada. Os últimos micróbios cristãos na ante-sala da morte.

- A TV tá boa?
- ...
- Responde balançando a cabeça!

O garotão na cadeira de rodas, tetraplégico, sem nenhum controle sobre o corpo abaixo do pescoço. Também não fala, só ouve. As gotas da água benta caem-lhe pelo rosto, passam pelos olhos, misturam-se na profanação da víscera. A moça era a enfermeira que lhe cuidava na jaula imunda de três metros por quatro. Nada além da cadeira declinada, a tevê, a penteadeira, o crucifixo na parede.

- Em nome do pai, do filho e do espírito santo – disse a moça nos movimentos de dedo sobre os olhos do interlocutor.
- ...
- Diga amém.
- ?!

Os filhos do rapaz no dia pensaram em visitá-lo. Visita adiada – quiçá

morra até o dia. A ex-esposa não queria saber, três meses já na cadeia e a pena capital computada para o mês seguinte. Ele sentia que morria. E todos devem morrer um dia.

- Como pôde fazer aquilo, Juvenal?
- ...
- Matar gente daquele jeito...

– ...

– Sem vergonha? Pois que pague lá em cima. Minha reza diária pede por sua alma todo santo dia, mas não vão de pagar pelo cometido, pecado bruto. Monstro de homem.

Os presos comentavam pelo pátio do presídio: nunca um fora mais corajoso. O primeiro a quem a pena capital, cadeira elétrica ou enforcamento, funcionaria após liberada. Frio e pacífico, o olhar, o jeito, a respiração: Juvenal nem parece ter matado o grupo de seminaristas no ônibus jogado do alto da montanha.

A mosca enrosca-se no hemisfério direito de sua cabeça, como a procurar resposta no labirinto do inelutável. O rosto pintado de água parecia reluzir sinal de arrependimento. Mas não, mas não. Cabra safado. A enfermeira estapeia a mosca, que pousa no braço do homem. E lá fica por mais alguns minutos, mas sai tonta inebriada com o anseio de culpa.

Uma gota escorre-lhe pela cova do pescoço, em suor na saleta, febril de calor. A enfermeira nem percebe, abre revista de moda, e na tevê o pastor esparge as águas de Jericó sobre um conjunto de toalhas de fiéis. Programação religiosa todo o dia, toda a hora, todo minuto. Os segundo se batem nas grades de ferro.

O volume alto, a enfermeira levanta-se para baixar. Pela respiração forte percebe-se o enfado da dona. Mas ela olha para o cabelo desganhado do rapaz, depois olha para a penteadeira...

“A penteadeira, o pente, o pente, o pente. É agora!”

O leve toque no pescoço do paciente, os dentes passavam-lhe por entre

os fios metálicos do cabelo sujo. Tão imundos, oleosos, o pente quase ficava ali pela mata do couro. Mas a danada solta com um jeito, um desenrolar de fios no passar do objeto, a cabeça relaxa, o corpo distende, a alma goza. Fluxo por fluxo, cima e baixo – opa, ali uma feridinha –, cima e baixo – muda pra esquerda agora –, cima e baixo – nesse o pente quase fica.

“Ó, ó, ó, aqui.”

Ela percebe o pescoço relaxado na hora do pente. As pálpebras dos olhos fecham-se como duas florezinhas miúdas tocadas pelo leve roçar de pele. “Canalha, por que o gozo? Nem assiste ao canal de tevê. Pela própria salvação o que faz ele? Santíssimo, ele gira o pescoço, dobra-se todo, só o pente pra isso?”.

Nada diz. Mas ela pára. E ele abre os olhos, gira o pescoço em direção ao triste guardar do pente na gavetinha da penteadeira. Ela senta, e o olha. Ele olha para ela com olhar de seminarista morto. “Meu Deus”, ela exclama para si. Passaram dias juntos. As conversas ela repetia ao ouvido dele sobre bíblia, evangelho, senhor Jesus Cristo: ele ouvia, os olhos dançavam pela sala, e dormia. Dava por si quando o desgraçado já aos roncões inaudíveis. Quer despeita maior? A televisão com programação cristã durante o dia, a condenação dali a uma semana.

– Jesus Cristo, diz que se arrepende, meu Deus. Vai, santíssimo. Faz um movimento de pescoço, ó meu querido. Tu és um cristão, diz. Diz pra mim, vai.

– ...

Uma ofensa tanto para ela como para os presos, alguns convertidos, outros pagãos à espera ou espreita do primeiro túnel de escape. Mundo cão o de presídio. O Jesus que liberta convive lado a lado com a colherinha de escavar a fuga: libertação por libertação, até o quadro do bendito usaram para tapar o buraco. Este o carcereiro descobriu e puniu na hora, não o Jesus, sim os presos. Liberdade só em Cristo, ó pagãos.

– Os dias tão acabando para tua ovelha. – diz o carcereiro à morena enfermeira.

– Sempre acaba pra todo mundo.

Ela desenha uma cruz no rosto do paciente, que a repele nas pálpebras murchas, os olhos de desdém por entre os dedos. “Você não se arrepende?”, pensa. Quando em passagem bíblica um monstro fora perdoado pelo santíssimo? Não lembra, mas cria trecho de parábola mais ou menos assim:

– Olhe, Judas antes de trair Jesus havia assassinado no dia uns dez ou vinte marceneiros de uma cooperativa de Jerusalém. Queria os pertences deles, judeu que era. Pegou uma faquinha e, um por um, ó, pá. Matou todos. Nem lutaram, eram cristãos, se deixaram matar por amor ao santíssimo. E ainda assim Cristo o perdoou. Ele que traiu o santíssimo dias mais tarde. O todo cheio de misericórdia. Com tu não ia ser diferente. Basta orar.

– ?!

– Que cara é essa? Conte mentira?

– ...

Era tarde, ela se levanta, desliga a tevê para o cristão dormir e, na iminência de sair da saleta e trancar a grade – ó Deus, liberdade só em Cristo – olha os cabelos desgrenhados, a mucosa já oleosa do calor de todos dias, o sol que sempre entrava tinindo pela janela única do cubículo e pousava sobre a nuca do pobre. Abre o espelho da penteadeira, retira o pente...

“É hoje, papai do céu”.

“Ó, ó, ó, isso!”.

“Assim, pô, assim, aqui”.

“Não, acolá, vai, ali”.

“Acabou não, acabou não, vai embora não!”.

Ao pé da porta, antes de deixar o paciente, um olhar de pesar impele a moça aos dedos que fazem o sinal da cruz diário no condenado. Era amanhã o dia. Elétrica ou enforcamento? O rapaz novo: sentia pena e ódio. Prostrado na cadeira à espera da própria morte que chegaria desde o dia do assassinato em série, o internato no hospital a mais de três meses, suplício de espera e...

– O que é isso, Juvenal?

A barra da calça molhada, uma poça d'água ali no meio, jamais percebida de longe. Urina não era, o fazia por cabos. Não só movimentava o pescoço? Os fluidos não eram limitados?

– Ó Jesus, não pode ser...

Ruborizada, a enfermeira deixou a grade trancando a porta com ênfase. O danado acordou com o estampido, levantou os olhos e deu com ela, a cara sob as mãos pelo corredor, vermelha, vermelha. Um camaleão nas inúmeras caras e cores de entre o crucifixo na parede e o pente no espelho.

– Chegou tua vez, safado. – bradou o carcereiro. A quinta-feira de manhã brandia pela janela.

Comida na boquinha como todos os dias. A enfermeira nem o olhava na cara. Ele displicentemente mastigava os nacos de pão sob os dentes. No canal de tevê: rende-te ao salvador, rende-te! Ele mastigava, cuspiu, babava, olhava em redor: as moscas cheiravam-nos de longe e ousavam um e outro toque na pele do assassino condenado. Dentro da sela, a enfermeira e o carcereiro. Este olhava a televisão e a moça, reclinada sobre o rapaz, não sabia qual programa mais rezava pela alma, se católico ou evangélico.

Entra o pastor, os outros saem. A mulher limpa no lençinho as babas sob o rosto do condenado e benze pela última vez.

Meia hora depois, preparado para o abate. A enfermeira o conduz do corredor até a câmara. Elétrica ou enforcamento? Os presos de cruz nas mãos, em cada grade, rogavam sorte, pregavam a palavra aos gritos, “até mais” e “até logo”. “Até amanhã”. “Conta lá de cima”. “Joga a chave pela janela”. “Escapou sem túnel”. “Beija a mão da dona de preto”. “Sai desse corpo que não é teu”.

O pastor levava a cruz, cerimoniosamente, encostada ao peito. Numa das saletas por que passava, um preso respingava na sela penteando os longos cabelos lisos que exibia orgulhoso. O condenado na cadeira arregalou os olhos, notara a enfermeira. Com uma mão de leve a raspar caspas do couro detrás da cabeça, principiou ela a pentear-lhe os cabelos pequenos do pescoço. A extrema-unção levada do mundo para o reino dos céus.



joedson adriano

Um gênio. E ponto final.

<http://joedsonadrianogenio.blogspot.com/>

MUSO

se acha acima de homens e mulheres
o criador não tem sexo quando cria
o que não quer dizer que no dia-a-dia
dispense uma orgia com fada ou alferes

ou como a maioria das maternas marias
criança não chore na manga do bibe
ou ria no Rio de Janeiro ou Beberibe
como um João ninguém sem gostar de poesia

o criador é um filho da puta
adora futebol feijoadada e putaria
como um qualquer na folga da vã luta

mas quando de serviço deixa de ser bicho
e desdenha os dons da gorda loteria
recicla por inteiro o humano lixo



laudelino menezes

Contoclubista, torcedor do Sport e matemático. Vez ou outra faz um conto e pensa em escrever um romance. Dizem ser reencarnação duma lontra.

em branco

Ficou surpreso, não conseguia escrever nada e assim fez, nada escreveu. Foi uma produção longa, mais de 1698 laudas de puro branco, uma verdadeira história épica, o autor destemido estava orgulhoso. Apresentou os manuscritos e surpreendeu a todos os editores, até os que não conheciam a obra queriam publicá-la a todo custo. Optou pelo editor que lhe ofereceu n regalias, n maior do que 1.

Para promover o seu tão esperado livro, preparou um longo discurso, interpretou, decorou e dramatizou cada palavra e cada gesto, iria encantar a todos da plateia. Chegou o tão esperado dia, nunca havia visto público tão grande em toda sua vida. O apresentador o anunciou, subiu no palco e recebeu a salva de palmas. Preparou-se, tossiu um pouco e principiou o seu longo silêncio, não proferiu uma palavra durante horas e horas, ficou imóvel, suando frio. Todos o olhavam com olhos de lince, atenciosos ao silêncio. Então, disse um Boa noite inaudível e a plateia toda se ergueu e aplaudiu, todos estavam felizes por terem escutado um discurso tão belo.

Já nas livrarias o livro vendeu aos milhares e várias e várias pessoas lotavam o dia, à tarde e a noite de autógrafos. Tamanho era o empurra-empurra

que o autor não conseguia assinar livro algum. Por outro lado, os fãs ficavam contentes em ter aquela assinatura em branco.

Um belo dia, uma ex-namorada sua, que não via há muito tempo, bateu em sua porta. Ela estava fula da vida, não entendia como o autor pudera escrever tanto da intimidade vivida por eles no livro. Foi difícil, mas conseguiu convencê-la de que não havia tanto do antigo relacionamento deles escrito nas páginas em branco do romance.

Depois de todo esse burburinho, encontro de ex-amores, autógrafos e lançamentos, o livro continua sendo procurado, porém o que é mais esperado é o segundo livro do audacioso escritor. Vagando por sua modesta casa, encontramos-lo debruçado sobre sua escrivaninha, aguardando as ideias surgirem. Por enquanto, só existe uma pilha de papéis em branco.





leticia palmeira

Escritora.

<http://leticiapalmeira.blogspot.com/>

falha trágica

Olívía está de volta. Chove forte no dia de sua chegada. Do aeroporto ao bairro onde mora, Olívía observa ruas de forma analítica como se quisesse aprender de novo uma lição antiga. Olívía mudou por dentro e por fora. Engraçado como ausências causam mudanças. Ela sorri displicente enquanto o carro passa veloz pelas praças e avenidas. Nada muda na cidade. Eu mudo, pensa Olívía. Feliz e abobalhada, louca para chegar a sua casa e ver suas coisas, seus objetos, seus móveis, seus pertences e, talvez, receba boas vindas. O corpo de Olívía vibra de excitação ao pensar que talvez receba visitas. Talvez alguém tenha preparado festa e terá vinho e amigos questionando novidades. Olívía contará tudo de sua viagem. Dirá da grande experiência e das pessoas que conheceu. Provavelmente irá inventar detalhes, colocar adjetivos em seus devidos lugares, soberba exibirá fotografias que ilustrem seus passeios e grande será o fingimento ao dizer que conheceu alguém que mudou sua vida para sempre. Olívía dirá que conheceu um mundo extraordinário enquanto esteve ausente. Mentir faz a gente viver mais contente. É como se a invenção acontecesse quando a despertamos de nossa imaginação. Eu crio um mundo diferente no qual eu possa andar indiscreta e ainda ser eloquente sem dar uma palavra. E agora chove e Olívía se encanta ao ver pessoas buscando abrigo sob portas de lojas, telhados, árvores. Todos buscam proteção. É impressionante como somos todos iguais. Pensativa, Olívía sequer percebe a água invadir as ruas de-

ixando os carros mais lentos devido a um imenso engarrafamento. É tempo de pensar. Pensa tanto que acredita que terá mesmo festa e sabe que ao chegar ao seu prédio dará de cara com o porteiro ouvindo no rádio transmissão de jogo de futebol. Sabe que irá saudar o homem e dirá bom dia e encontrará crianças brincando no play e terá de cumprimentar senhores no elevador. A vida é contínua, curva sempre em linha reta e nunca sai da ordem rotineira de sua política. Olívía encolhe seu corpo no banco de trás porque sente ternura, afeto, vontade



de viver infinito cada dia que virá. Ela tornou-se tão otimista que jura não mais entrar em combustão por seus pequenos problemas de tempos atrás. Sequer os relembra. Sabe apenas que sentiu necessidade de um tempo para si mesma e foi, de pé na estrada, buscar esquecimento. E agora está de volta. Olívía desce do carro em frente ao prédio onde mora. Malas estão sempre prontas para serem desfeitas. Ela observa a cena. Crianças brincam risonhas estridentes, o rádio do porteiro é impertinente, velhos capengam na porta do elevador e, do alto, no oitavo andar, seus amigos acenam da

varanda para receber Olívía de portas abertas para sua vida. Mas algo corrompe o enunciado. Olívía entra no carro, pede ao motorista que a leve para longe daquela gente e some feito folha solta em água corrente. Ainda não estava pronta para ser a mesma mulher de ontem. E assim é a vida, confusa acrobata desinibida, muda itinerários, recria personagens e decide não mais remontar velhos cenários.



mirtes waleska

De Boqueirão. E ai de você se lembrar da cidade só por causa dos Mamonas Assassinas.

<http://mirteswaleska.blogspot.com/>

fantasia

No plágio da minha loucura
Rasguei a fantasia
Vesti-me de Ismália
E Pus-me na torre a chorar,
Deixando a lua pra trás,
Buscando-a no mar

Mergulhei no oceano
Tão profundo que não vi
O céu banhado de estrelas
E a noite a cintilar

Vi pássaros estranhos
Com escamas, barbatanas
E cavalos a voar

Era tudo fascinante!
A noite misturava-se ao mar

Num espanto eu chorei
Banhada de luar
Não sei se era lágrima,
Ou se era a água do mar.
Só sei que retornei
Notívaga a perambular
Pelas noites vazias
A procura do luar

Não a vejo mais no céu,
Nem tampouco nesse mar,
Mas sei que existe.
Um dia hei de encontrar
A fantasia rasgada,
Sucumbida a naufragar
Perdida no oceano
No oceano, que é teu olhar.



romarta ferreira

Alagoana, mas mudou-se para a Paraíba há dois anos, onde passou a dedicar-se com mais afinco à literatura. Também chega pelo Clube do Conto.

romarta01@hotmail.com

quando o céu não diz nada

Trabalhava havia dez anos no mesmo hospital. Amado pela maioria dos pacientes, respeitado pelos colegas de trabalho, nenhuma falha médica que atormentasse o ego. Aparentemente, ele não tinha nada do que se queixar.

Todavia, era a hora do cafezinho da tarde, da tarde daquele dia, em que o médico acordou atrasado e ainda não conseguiu encontrar o par de meias que combinava com sua gravata. Daquele dia em que o pneu do carro cedeu e sua única filha ligou pedindo um presente de aniversário e ele se deu conta de que não lembrava a idade dela.

Não queria um café, definitivamente não! O que ele queria, era não ser quem era. Saiu da cantina antes que alguém chamasse por ele, foi até o terraço do prédio, e de lá pode ver as nuvens se aquietando e o sol diminuindo seus olhos. Percebeu que não sabia que havia chovido, mas que queria ter apreciado ao menos qualquer pingo que fosse daquela chuva. Fez até uma oração para que chovesse de novo. Não funcionou, no céu apenas surgiu um arco-íris calado.

Uma enfermeira ligou para o celular dele perguntando onde ele estava e avisando que precisavam de sua ajuda na sala de emergência. Sua resposta foi

que não esperasse por ele e que chamasse outro médico.

Não era uma negação de atendimento, era uma decisão que havia crescido e ramificado por seu corpo inteiro, em silêncio, e que naquele instante mostrava seu primeiro sintoma. Sintoma definitivo. “Eu não quero ser médico, não quero!”, gritou, à espera que alguém ouvisse e concordasse, falasse que ele já podia ir embora, que não existia nada de expediente a cumprir, que podia chegar em casa antes das cinco, jantar junto à família, dormir ao lado da esposa, e no outro dia preparar para ela um café da manhã e não deixar a filha atrasar-se para a escola. Mas ninguém ouviu.

Então ele olhou para o céu e outra vez gritou que não queria ser médico. Entretanto, o sol escondeu-se atrás de uma nuvem que infelizmente era surda. E o arco-íris achou-se no direito de ir se desmanchando, sem dizer absolutamente nada.





thiago lia fook

Ingressou na faculdade para ser juiz, mas saiu de lá sem juízo: tornou-se escritor e publicou um livro. Ainda não passa fome.

<http://thiagoliafook.blogspot.com>

soneto em queda-livre

Amanhã ou depois (tu já estremeces!)
Tua carne agora nobre será lixo
E recolhida ao saco, como um bicho,
Será servida à mesa dos teus vermes.

Tua mente, agora acesa qual a vela
Com que te velarão as duras sobras,
Tal como a chama ardente que se esgota
Se apagará das vistas sem seqüela.

Portanto agora escuta o secular
Apelo e põe no peito a velha e gasta
Fórmula: – Carpe diem! Larga o lar

Arranca o peito e abandona a casta
E atira o corpo em queda livre no ar
Até que a rua te modele a plasta.



wander shirukaya

Lançou um d20 para ver o que seria da vida. O resultado foi 1: falha crítica. Para chorar as pitangas, começou a escrever.

<http://blogdoshirukaya.blogspot.com/>

falta uma cor no arco-íris

Acordei já me sentindo mal. É domingo, posso ficar até tarde na cama, mas não quero. Se eu ficar aqui, vou remoer isso ainda mais. Tenho de ligar pra ela e dizer que isso não pode se repetir. Mundos tão diferentes! Por que Deus sempre apronta essas com a gente? Eu esago os lençóis brancos, quase cavando o colchão com as unhas, lembro do corpo, do seio que tanto acariciei... Onde eu estava com a cabeça! Pernas torneadas, roliças e que me despertaram algo que nunca tinha sentido em alguém como ela. Cada beijo dela me fazia despencar, romper limites que só a libido compreende, me completando, me preenchendo, por que se apaixonar logo por ela? Rolei pelos lençóis buscando beijar aquele cheiro. Hoje é doze de junho, era pra ser tão especial... Mas o que foi que eu fiz? E agora?

Levanto, encosto na janela pensando. Tive logo que fechar as cortinas, pois alguém tentava me espiar, acordei tão sem noção que não me lembrei que estava ainda nua. Branquela gostosa! Xinguei o cara que passou soltando essas gracinhas lá embaixo, fechei de vez as cortinas. A janela não – só as cortinas, gosto da claridade. Homem é tudo igual, não sabe como tratar uma mulher de verdade. Precisavam aprender com ela, ainda sinto o roçar das coxas aqui... Cada beijo, cada palavra tenra, cada linha de saliva deixada pelo passeio da lín-

gua por mim. Eu me sentia uma deusa, minhas auréolas rosadas denunciando meu prazer. No começo eu não queria mesmo, estava firme na minha posição. Só bastou ela me tocar, senti tudo se confundir como se eu despencasse num quarto escuro; o barulho da chuva lá fora abafando os sussurros, nós encharcadas. Que que tô fazendo? Deus, me ajuda! Calma, meu amor, eu sei que você quer tanto quanto eu, relaxa. Cada palavra dela arrancava voraz um botão da minha camisa, o peito trêmulo como um animalzinho acuado. Um relâmpago, a luz me deixava ver ela segurando minha mão, chupando meus dedos, eu não queria demonstrar, mas era impossível! Lembro até agora! Não devia ter deixado! Como isso tudo começou? Como?

Estava no Rainbow, um bar muito bom aqui do centro. Pedi uma bebida pra me animar; estava a fim de caçar alguém. Já que não se arruma alguém pra namorar assim tão fácil, que me fizesse ao menos ter um fim de semana em que não me lembrasse que era mais um dia dos namorados sozinha. Não demorou muitas caipirinhas para ela aparecer. Notei logo o corpo belo, o sorriso delicioso, os cabelos encaracolados, espirais me convidando. Ela não parecia ter me visto, mas as curvas me chamavam, eu ia, as pernas, eu ia, o dorso, eu ia, o decote, fui. No que percebi a gente já estava íntima, dividindo a mesa, dividindo goles lascivos de álcool, abraços. Você não quer dar uma volta? Tô de carro. Aceitou com um selinho. Retribuí de forma apaixonada.

Não! Jamais me mataria por algo assim, mas era fato que ia me envergonhar por muito tempo. Tudo bem, sou nova, posso mesmo cometer erros, mas não há quem não se frustre diante da quebra de princípios. Vou rezar toda noite pra Deus me ajudar. Entro no banho, a água cai, queria que purificasse, me esfregava sem saber se era desejo ou repulsa, impulso? Inconsciência? Isso existe? Minhas preferências sempre tão destacadas, porque não percebi isso antes? Uma canção abafada vem do quarto. Celular. É ela. Só pode ser! Adorei a noite, vamos sair de noite, estou louca pra te pegar outra vez. Não quero ouvir ela dizendo essas coisas, não vou resistir! Não! Não vou!

Deixo ele parar de tocar, pego uma toalha branca, me enrolo, procuro o aparelho pelos lençóis, sinto nosso cheiro me chamando. Caio na cama, telefone me encarando. Tenho de dar um basta nisso! Ligo de volta? O que ela vai dizer? Oi, gata! Vamos sair outra vez? Não, não posso ouvir isso, eu deitada, toca novamente o telefone, meu corpo nu, o cheiro, as pernas, a língua, o cheiro, não, não posso, não posso, minhas unhas no colchão, a língua, o passeio, hum, não, não devo repetir, telefone, atende, atende, o selinho, beijo, lençóis indo e vindo, relâmpagos, te amo, gostosa, não posso, atende, meu peito contra o dela, a língua, ouvido, ouvindo, gostosa, vem, não, nunca mais, atende, atende, basta, o beijo, telefone, atende, atende, atende...

Duas chamadas não atendidas.

Três.

Quatro.

Não esperei pela quinta, liguei de uma vez. Oi, gata. Oi. Olha, não podemos mais nos ver? Não. Bem, eu... não é nada com você. Você é super simpática, adorei sair com você, mas não vai dar certo. A gente é muito diferente! Como você sabe? Sabendo! Não vai rolar, desculpa. Mas por quê? Ah, já entendi. Não é nada disso. Já disse que você é maravilhosa, mas é coisa minha. Quando tava bêbada ontem você soube me procurar, né? Sua piranha! Escuta, não quero brincar com seus sentimentos, só que não vai dar certo. Pensei que tinha encontrado a pessoa ideal... Calma você vai encontrar alguém que...

Desligou. Droga.

Levanto da cama, vou até a janela, abro as cortinas. O sol finalmente tá saindo, dá pra notar até um tímido arco-íris lá no fundo. Cai uma lágrima, duas, três, quatro, não deixo que venha a quinta, ligo para ela. Que que eu fiz? Remorso, a mão tremendo, celular chamando. Ninguém atende. Atende, amor, por favor, desculpa. Amor, por favor, me perdoa, atende, me perdoa! Atende, atende, atende...



CB
CAIXA
BAIXA
número 01

A Revista CAIXA BAIXA não possui fins lucrativos. Todos os textos que a compõem são obras de ficção; nomes, lugares e situações em comum com a realidade são meras coincidências. As ilustrações dos textos foram retiradas da internet.

nucleocaixabaixa@gmail.com
<http://caixabaixa.org/>

